

Nota de Abertura

Já em 1986 se haviam verificado importantes inundações na Povoação e no Faial da Terra, em S. Miguel (Açores). Aliás, como muitas outras vezes ao longo da História. Desde que se publicam jornais, diversas vezes as inundações foram notícia nos Açores e particularmente na Povoação. Em 1996 repetiram-se e, finalmente, houve da parte dos poderes públicos locais interesse em mandar fazer um estudo aprofundado do que na realidade aconteceu e porquê; talvez pensando na hipótese de acabar de vez com tragédias desse tipo. A verdade é que a natureza tem as suas regras de funcionamento e nem sempre o homem pode impor-lhe as suas. Carlos Bateira estudou, no campo, as características dos cursos de água e das suas vertentes; verificou localmente as marcas da crise. O trabalho que publicamos sobre as inundações da Povoação é, sem dúvida, um documento para ser lido com atenção por todos os que gostam de compreender o sucedido, mas também por aqueles que tendo algum poder e dinheiro para investir na mitigação dos riscos queiram perceber quão difícil é resolver problemas desta ordem de grandeza.

As inundações catastróficas do Sul de Portugal nos finais de 1997 foram responsáveis por várias mortes e por prejuízos imensos. Poucos se aperceberam das loucuras que vinham sendo cometidas pelo homem em áreas que pertenciam aos cursos de água. As secas longas, anos após anos, pareciam ser a característica mais marcante do clima mediterrâneo nas extensões planas do Alentejo. Os teóricos do ambiente, falando repetidamente no aquecimento global, mal compreendidos pela maioria das pessoas, davam força ao fatalismo das secas intermináveis. Mas a variabilidade do clima mediterrâneo, sempre apregoada pelos geógrafos, veio dramaticamente impor-se um pouco por todo o país, mas com consequências mais graves no Alentejo e no Algarve. Percorremos a quase totalidade da área afectada e vimos as marcas ainda frescas de destruição e morte. O trabalho que publicamos, com a colaboração de Nuno Ganho no que refere à interpretação sinóptica, é apenas um chamar de atenção para situações muito variadas que se revelaram responsáveis pelo agravamento daquilo que seria já de si naturalmente complicado.

A erosão nas praias do Cabo Mondego à Figueira da Foz (Portugal centro-oeste) de 1955 a 1998 apresenta um historial bem conhecido das populações

dessa cidade, mas também do Prof. Pedro Proença Cunha. O trabalho aqui publicado mostra, com toda a força de uma observação cientificamente bem preparada, como o mar tem actuado aproveitando muitas vezes as facilidades que o homem lhe proporciona.

Bem diferente é o trabalho sobre movimentações de terrenos na vertente norte da Serra da Gardunha. A partir de um trabalho escolar normal de Mestrado foi possível a Manuela Bento extraír um artigo em que se salientam aspectos relacionados com a actuação do homem que podem originar desabamentos e deslizamentos com alguma gravidade local.

Finalmente, elaborado a partir de um trabalho de doutoramento, a apresentação por António Dinis Ferreira das consequências hidrológicas e pedológicas das mudanças em áreas florestais é um estudo de certa profundidade no que respeita ao que se passa em muitas das florestas do nosso país.

Como vem sendo hábito, juntamos algumas notas, notícias e recensões para completar este quinto número da Territorium. Pareceu-nos, de novo, que a reflexão sobre livros dedicados aos riscos e às crises poderia ser importante para quem goste do assunto e não tenha facilidade em encontrá-los nas livrarias ou nas bibliotecas portuguesas.

Fernando Rebelo